



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

ENTREVISTA

Violência, Sociedade e Escola

PAGOTTI, Antonio Wilson
Psicólogo e Professor Doutor em Educação do
Mestrado em Educação do Centro Universitário do
Triângulo – UNIT – Uberlândia, MG.

A temática da violência tem sido objeto de amplas discussões nos meios sociais e mais especificamente nos meios acadêmicos. Nosso entrevistado é psicólogo social e coloca idéias que contribuem para o tema em debate.

P. A violência é uma característica humana? Em que medida ela é instintiva, animal?

R. A resposta a esta pergunta tem sido perseguida há séculos por filósofos e teólogos e a partir do século XIX também por cientistas. Para Lorenz, etólogo ganhador de prêmio Nobel, um dos grandes estudiosos deste campo, a agressividade é instintiva e depende apenas de alguns eventos instigadores. Em um dos estudos desenvolvidos pela equipe de Lorenz, um grupo de ratos, com machos e fêmeas, foi colocado em uma grande caixa. Ali eles tinham comida e água à vontade. Com o passar do tempo o número de ratos foi aumentando até que a caixa tornou-se pequena para tantos ratos. Os comportamentos que surgiram foram os de dominação e agressividade. As lutas não eram por comida ou água mas sim pelo território, pela sexualidade e pela própria sobrevivência. Os mais fracos sucumbiam diante dos mais fortes e hábeis. Uma das



conseqüências foi que as fêmeas, começaram a evitar o comportamento sexual e a procriação. Lorenz fez um paralelo entre este estudo e as grandes cidades com problema de superpopulação. O filósofo Platão já dizia que cidades com mais de 5.000 habitantes se tornavam problemáticas e as manifestações de violência começavam a aparecer. Isto porque as relações interpessoais ficavam prejudicadas, a pessoa se tornava anônima e reduziam-se os controles sociais. Os sociólogos chamam a este fenômeno de anomia e os psicólogos se referem aos indivíduos que vivem em situação de anomia como possuidores de "personalidade marginal". Imagine, se para os ratos somente a variável espaço foi capaz de criar tanto transtorno, o que não acontece com homem que é dotado de forte comportamento gregário, tem uma estrutura afetiva complexa e uma vida mediada pelo capital e pelo poder simbólico?

Contra a posição de Lorenz há vários teóricos, entre eles Bandura, que ressalta o ambiente como o construtor do comportamento agressivo e que grande parte deste comportamento é aprendido por imitação ou exposição a modelos agressivos. Ele é um dos grandes críticos da televisão como veículo que favorece a aprendizagem de comportamentos agressivos.

P. Qual a diferença entre a violência física e a mental?

R. A violência física é clássica, fruto da necessidade, de quem a aplica, pela dominação e controle. Os gregos marcavam fisicamente seus escravos, deixavam os estigmas, como forma de mostrar a inferioridade e a subserviência do estigmatizado. A violência física, como forma de punição, tão comum na relação pais filhos e na escola de algumas décadas atrás, é uma forma de disciplinar e tem eficácia relativa. Quando o agressor está por perto, o agredido se comporta como o esperado. Na ausência do estímulo provocador de agressão o comportamento é manifesto. Esse é um dos grandes problemas que a educação pela tomada de consciência enfrenta no cotidiano. A violência mental é mais sutil deixa marcas profundas na "auto-estima", rebaixa a



qualidade do indivíduo, sabota a criatividade e em muitos casos pode provocar a perda da identidade. A violência mental é simbólica, nega a individualidade, a independência, a autonomia e prejudica a aprendizagem. Na escola ela é frequente. As situações de humilhação e constrangimento pelas quais os alunos passam são exemplos de violência mental. As duas formas de violência, pelo olhar do psicólogo e educador, são absolutamente condenáveis porém, sabe-se que o processo civilizatório é lento e caminha por estradas tortuosas.

P. Hoje sabemos, pela mídia, notícias sobre adolescentes matando seus pais, seus avós, seus professores e colegas. As relações sociais em âmbito escolar são mais violentas hoje do que no passado? Esse é um problema localizado de uma sociedade específica?

R. Na década de sessenta, após o assassinato de Kennedy, Martin Luther King e de Robert Kennedy, criou-se uma comissão para se estudar a natureza e as causas da violência. As conclusões a que a comissão chegou mostram que não há respostas simples. Muitos assassinatos são cometidos por psicopatas, ou seja, por indivíduos portadores de uma "doença" provavelmente congênita, que, em determinadas situações e, em função dos estímulos desencadeadores, são expressas. Hitchcock, tratou muito bem destes casos no cinema. O filme "O Silêncio dos Inocentes" é um exemplo. Em nossos presídios e manicômios judiciais são vários os psicopatas, o bandido da luz vermelha e o moto boy, são casos clássicos. Além disso temos os indivíduos com personalidade psicopática que, embora não sendo psicopata, mantém as relações sociais desprovidas de culpa. Em outras palavras, se ele comete um delito é incapaz de se colocar no lugar do outro e sentir a dor e o sofrimento do outro. Estes indivíduos, em situação facilitada pelo uso de álcool ou drogas, podem tornar-se potencialmente violentos. Assim podemos dizer que álcool e drogas podem funcionar como desinibidores para comportamentos violentos. Além disso há outros fatores. Freud fala de questões edípicas não resolvidas, daí a violência deslocar-se para as figuras



significativas, pai, mãe, avós, professores. Freud fala ainda nas relações de frustração que geram agressão. Nossa sociedade que estimula a busca de prazer pelo consumo, pelas realizações imediatas, pela super exposição da beleza e da sexualidade, gera nos jovens estados de frustração. Como na adolescência o comportamento gregário se revela em maior intensidade, o deslocar os estados de frustração para as manifestações agressivas é um passo. Daí queimar o índio, matar o homossexual, agredir colegas de outro grupo, galera ou gangue. Nas sociedades em que os papéis sociais e sexuais não estão claramente estabelecidos, em que a construção da identidade é dificultada, em que as determinações econômicas são excludentes, o Estado ausente, gerando desemprego e subemprego, se tem uma cultura baseada em grande parte em frustrações, impossibilidades de realizações e conseqüentemente uma sociedade agressiva. Se nessa cultura estiver presente a impunidade tem-se o caos, que é nosso conhecido, nos grandes centros urbanos.

P. Em tempos de guerra como cultivar a cultura da paz?

R. Em 1932, com a ascensão do nazismo, Einstein lançou uma carta aberta perguntando "Por que existe Guerra"? Freud procurou responder ao questionamento de Einstein tomando como foco a questão psicanalítica e psicológica mais geral. É evidente que muitas são as motivações para a guerra. Desde questões geopolíticas, interesses econômicos, questões religiosas, questões culturais, tribais e inclusive pessoais. Freud ajuda a entender as causas da guerra através das raízes no indivíduo. Para ele, os impulsos agressivos têm bases biológicas, mas na infância é que se desenvolvem as inibições aos impulsos. Isto se dá pela estruturação do superego - mecanismo de censura - que será a consciência moral.

O culto a paz tem a ver com esta consciência moral. Ora, as práticas educativas no desenvolvimento das inibições aos comportamentos agressivos e no



desenvolvimento do superego são uma esperança para a redução da violência e estímulo à cultura da paz.

Além disso, como bem mostra Piaget, a construção de relações cooperativas na escola e na família estimulam os indivíduos à participação democrática, e à rejeição do autoritarismo e da dominação. A cultura da paz deve ser cultivada na sociedade, na escola e na família, inicialmente através de ações concretas, cooperativas, solidárias. A busca de soluções de problemas deve ser pela justiça baseada na reciprocidade e não na coerção. Creio que esta é a grande meta educacional, formar cidadãos críticos que tenham como princípios consciência moral e ações cooperativas.

P. Como a escola pode contribuir para a construção de uma cultura pacifista? Qual o papel do educador nesta cultura?

R. A cultura pacifista não deve ser subserviente e deve se construir pela não violência. A não violência é um meio pacifista, é um instrumento político muito poderoso. Ghandi mostrou isso na Índia, desmontando a colonização e a dominação inglesa. Luther King, pela não violência, questionou profundamente os direitos civis nos Estados Unidos. Diversas ONGs têm mostrado isso também. A escola pelo processo do domínio de conhecimentos, a construção de saberes e a busca coletiva, têm em sua base a cultura pacifista. A construção da cultura escolar deve ter como meta as preocupações expressas por Rogers, da liberdade, do respeito, da valorização, da aceitação incondicional do aluno.

O educador precisa evitar os preconceitos, os estigmas, a exclusão. O educador, sabendo ou não, é um modelo, no sentido apontado por Bandura, e precisa exercer seu ofício estabelecendo relações de troca positivas com seus alunos e demais professores. A cultura pacifista não se constrói individualmente mas sempre temos aqueles que lideram, que apontam caminhos. O educador é um líder.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Antonio Wilson Pagotti

Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes (1974) , mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985) e doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) . Atualmente é professor titular do Centro Universitário do Triângulo. Tem experiência na área de Educação , com ênfase em Educação Superior. Atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino Noturno, Insucesso Escolar, Epistemologia Genética, Problemas de Aprendizagem, construções cognitivas.

